

Maciel, Maria Esther (org.). *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica* (Florianópolis: Editora da UFSC, 2011), 422p.

Márcio dos Santos Rodrigues

Mestre em História, Universidade Federal de Minas Gerais
Av. Antonio Carlos 6627, Pampulha, Belo Horizonte, MG, 30310770
Brasil
marcio.strodrigues@gmail.com

Recibido: 19 de febrero de 2013
Aprobado: 10 de marzo de 2013

A partir dos anos 1970, diferentes atores sociais – militantes pelos direitos civis, feministas, ecologistas, pacifistas, anarquistas, etc. – voltaram sua atenção para a causa dos animais. Contrapondo-se ao consenso dominante que tende a coisificar e definir os animais como simples propriedades, esses atores políticos elaboraram as mais diferentes justificativas, para que os humanos não tivessem a legitimidade para explorar, confinar, matar e/ou se alimentar deles. Uma delas é que os animais possuem direitos e, por isso mesmo, devem ser respeitados, justamente por serem – assim como nós, seres humanos – terráqueos. Em consonância com esse movimento, o estudo das complexas relações entre humanos e animais se tornou necessário. Uma linha de investigação que abarca vários campos do conhecimento cresceria nos últimos anos. Aludimos aqui aos chamados Estudos Animais.

A coletânea de ensaios *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*, organizada por Maria Esther Maciel, se inscreve particularmente nos Estudos Animais, ao avaliar por meio de textos culturais as relações entre humanos e animais. A organizadora da coletânea é docente da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na área de Teoria da Literatura e Literatura Comparada. Nos últimos tempos, Maciel tem se dedicado ao estudo da questão animal, tendo

publicado um livro versando sobre o tema: *O animal escrito*: um olhar sobre a zooliteratura contemporânea (publicado em 2008, pela Lumme Editor).

A publicação que aqui resenhamos foi lançada por ocasião do Colóquio Internacional Animais, animalidade e os limites do Humano, realizado entre 4 e 6 de maio de 2011, na Universidade Federal de Minas Gerais. Cumpre dizer que o livro é resultado de uma parceria firmada entre a Editora da Universidade Federal de Santa Catarina e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig). Talvez seja o primeiro livro publicado no Brasil a propor um enfoque transdisciplinar da questão animal.

A obra é composta por ensaios de autores não apenas nacionais, mas de diferentes nacionalidades. Grande parte deles lança mão da teoria literária comparada e da análise do discurso para produzir textualmente um maior esclarecimento a respeito da questão animal, mas nem por isso a obra deixa de apresentar um caráter transdisciplinar. O livro em seu conjunto é construído por uma ampla gama de perspectivas que se delineiam, desde as inúmeras recepções às mais variadas possibilidades de interpretação, no sentido de compreender o porquê da presença do animal na literatura. O recorte é amplo, se estendendo no tempo e no espaço.

Os ensaístas transitam entre a produção literária versando sobre animais e textos de pensadores como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Jacques Derrida, Peter Singer, George Bataille, Donna Haraway – esta contribui com um ensaio para a coletânea e ainda concede uma entrevista a respeito da subjetividade dos animais e pela ideia de reciprocidade no relacionamento entre humanos e animais –, dentre outros. Cumpre dizer que os ensaios, ao mobilizarem como referência textos diversos sobre animais e animalidade, também adquirem a função de indicar leituras àqueles que, por ventura, desejam aprofundar ou mesmo consolidar o crescente interesse pelo tema.

O livro organizado por Maciel é dividido em quatro seções. A primeira chama-se “O animal nas fronteiras do humano”. Nela, os autores guiam o leitor em uma reflexão acerca dos limites do conceito de humano. Há o pressuposto de que o animal serve como parâmetro para se pensar a noção de

humanidade. Nós, seres humanos, temos uma relação complexa com os animais; relação esta construída historicamente. Eventualmente nos comparamos com eles e, ao fazermos isso, ora nos distanciamos, ora nos afastamos deles. As fronteiras entre animais e humanos tornaram-se cada vez mais diluídas, uma vez que o homem deixa de olhar para si mesmo como centro, mas reconhece sua própria animalidade, com diferenças e similitudes. Esta seção problematiza como a literatura especulou, ao longo do tempo, sobre os motivos pelos quais o homem se considerou superior aos demais animais e estabeleceu entre ele e a natureza uma falsa dicotomia.

Na segunda parte, “Ficções da animalidade”, e na última parte, “Figurações animais”, os ensaístas adentram o terreno da ficção para compreender o modo como funcionam e como são elaboradas algumas das representações veiculadas sobre animais – não apenas na literatura, mas em outros meios (cinema, por exemplo).

A terceira parte, “Poéticas e políticas do vivente”, talvez seja a seção que mais interessa aos historiadores e demais estudiosos do social. Aponta para as questões políticas e filosóficas nas quais se inserem os animais. Nesta seção, a discussão recai sobre a presença na literatura de animais domésticos ou em estado selvagem, de animais de laboratório ou de jardins zoológicos. Nessa seção, a negação do antropocentrismo e do especismo aparecem de maneira mais evidente. O primeiro termo concerne, grosso modo, à concepção de que a realidade deveria ser interpretada de acordo com sua relação com o homem – deste modo, os animais não seriam considerados. Já o segundo termo é um neologismo cunhado pelo psicólogo britânico Richard Ryder, em 1970. Amplamente difundido pelo filósofo australiano Peter Singer no clássico “A libertação animal”, o termo diz respeito ao conjunto de práticas, visões de mundo e maneiras de pensar que desvaloriza animais em função do seu não pertencimento à nossa espécie. Há o mérito de não recaírem numa ênfase demasiadamente panfletária, nem tampouco de estabelecerem maniqueísmos.

Embora seja um esforço coletivo situado no campo da teoria literária, o livro em questão pode ser útil aos historiadores. Há a preocupação em abordar o passado, buscando compreender, dentro de uma

perspectiva histórica, os sentidos construídos na relação entre humanos e animais. Em última estância, há no conjunto da obra a preocupação em compreender a realidade ficcional que as obras apresentam, mas também como essa mesma realidade ficcional interfere no mundo social. Há outros motivos pelo quais a coletânea se impõe à atenção dos historiadores: além de tratar de uma relação historicamente construída que carece de maiores estudos, a obra interessa como estímulo para que incorporemos ficções sobre animais no rol das fontes a serem pesquisadas. Criações ficcionais por estarem, de maneira intrínseca, atreladas a um determinado contexto tomam por base o mesmo contexto para criar algo que, mesmo irreal, seja inteligível. Deste modo, fica a indicação para que possamos compreender a literatura como uma prática cultural, uma forma de traduzir experiências de vida e percepções sobre temas caros ao social.

Agradecimentos

Essa resenha foi desenvolvida como parte das atividades da disciplina “Produção e circulação do conhecimento histórico nos periódicos científicos: análises, desafios e práticas de publicação”, ministrada pela professora Regina Horta Duarte, na Pós-Graduação em História da UFMG, em 2012. As sugestões da professora e dos colegas contribuíram para o texto final aqui publicado.